

SPACE INVADERS

Texto de Fernanda Gama – segunda versão – outubro/2016

Personagens

CAIO, 14 anos

PEDRO, 17 anos

VANESSA, 14 anos

LUCA, 11 anos

PRÓLOGO

Foco baixo, que torne possível apenas vermos o rosto de Caio e o caderno em que ele está escrevendo. Ele escreve enquanto narra.

Caio – Pelo que eu pesquisei, a história deveria começar pelo prólogo. O prólogo conta o que aconteceu antes da história começar. *(pensa)* Mas acho que minha vida toda até aqui foi um prólogo, então. Tô esperando ainda começar a acontecer alguma coisa. Alguma coisa boa. *(pensa)* Vou começar então pelo dia que eles chegaram. Não é que tava tudo bem antes, não tava, nunca estive, mas quando você acha que não dá mais pra piorar... *(pausa)* Ninguém me perguntou. Eu não ia dizer nada, eu nem ia saber o que dizer, mas mesmo assim, ninguém me perguntou. Ninguém me perguntou e era a minha casa. Ninguém me perguntou o que eu achava. Ninguém. Me. Perguntou.

CENA 01

Música. Space Oddity. Luz se abre lentamente sobre a cena. Vemos um astronauta carregando uma caixa. Seus movimentos são lentos, pesados, difíceis. Desloca-se de um ponto a outro do palco. Conforme a luz aumenta um pouco, podemos ver que o cenário é a planta baixa de um pequeno apartamento. Vemos as linhas que delimitam os diversos cômodos: quarto, sala, cozinha, banheiro, quarto dos fundos. Não há paredes. O público deve poder ver tudo o que acontece em todos os cômodos, todo o tempo. Cama, mesa, sofá, podem ser móveis simplificados ou também delimitações desenhadas no chão. O astronauta continua andando. Sabemos agora que ele leva a caixa saindo do quarto principal em direção ao quarto dos fundos. Quando enfim chega, senta-se no chão. Fica um tempo ali, parado. Como se tivesse desistido. Ouve-se um telefone tocando. O astronauta tira o capacete, e atende o celular.

Caio – Oi, mãe. (TR – tempo de resposta) Tá, normal. (TR) Mais ou menos. (TR) Ah, mais ou menos. Não sei direito o que é pra fazer. (TR) Eu sei que é hoje. (TR) Porque você não ficou em casa? (TR) Não podia faltar só hoje? (TR) Trocava o plantão com alguém, sei lá. É importante. (TR) É, agora vai ter que trabalhar três vezes mais, então. (TR) E por que o Eduardo não tá aqui? (TR) A ideia não foi dele? (TR) Ah, coitada, agora você tem dó, mas você sempre reclamou dela. (TR) Tá, mas por quanto tempo? (TR) Dois dias, três, uma semana, quanto? (TR) Uma previsão, pelo menos. (TR) Você não pode mesmo vir? (TR) Tô pedindo por favor. (TR) Tá bom. (TR) Tá. (TR) Aviso. Aviso. Tchau.

Ele desliga. Continua sentado, sem estímulo algum. Após um tempo, eles entram pela porta da cozinha. Pedro, o mais velho, é o primeiro a entrar. Veste-se exatamente como James Dean, jaqueta de couro, cigarro na mão. Vanessa é a menina descolada, sempre maquiada, sempre com o celular na mão. Veste um vestido de festa, curto, como o primeiro vestido usado numa festa de debutante, e uma pequena tiara brilhante. Luca, o mais novo, ainda guarda o comportamento de uma criança curiosa, e extremamente inteligente. Usa uniforme de escola. Tem cabelos compridos e jeito delicado.

Pedro – (fala em direção à porta) Caralho, Vanessa, como cê é lerda.

Vanessa – (entrando) Carrega minha mala, então.

Pedro – Não sei porque cê trouxe tanta coisa.

Vanessa – Não sei se vou precisar.

Pedro – Não fala merda. A gente vai ficar pouco tempo.

Vanessa – Você não sabe.

Pedro – (pra Luca, que entra) Vai, carrega isso que nem homem.

Caio com o barulho se levanta e sai do quarto.

Vanessa – Ele nem aguenta a gente muito tempo.

Pedro – Cala a boca.

Vanessa – Nunca aguentou, cê sabe.

Pedro – (vê Caio. Pausa) E aí? (Pausa. Caio não responde. Pedro mostra a chave) Meu pai já mandou fazer as cópias pra gente.

Caio não responde. Mal olha pra eles. Pequeno silêncio.

Vanessa – Onde que a gente põe as coisas?

Caio não responde de novo, mas aponta em direção a seu antigo quarto. Os outros três andam até lá.

Pedro – O da esquerda?

Luca – Esse menor?

Vanessa – Só tem uma cama?

Pedro – Tem outra embaixo.

Vanessa – E eu?

Pedro – Eu fico em cima.

Luca – Porque você?

Pedro – Porque eu sou mais velho.

Vanessa – Eu também vou ficar aqui?

Pedro – Não tá achando bom?

Vanessa – Só tô perguntando.

Pedro – *(ri)* Pega um dos outros doze quartos, então.

Vanessa – *(para Caio)* Não tem outro quarto?

Caio – Só esse. E o da minha mãe.

Pedro – *(continua provocando)* Pronto, fica no quarto com o pai.

Vanessa – Até parece.

Pedro – Dorme na sala.

Vanessa – Cala a boca.

Pedro – Fica no quarto de empregada, é a tua cara.

Caio – Eu tô lá.

Pedro para de rir. Silêncio um tanto constrangedor.

Caio – *(sem saber como agir)* Bom, eu tô lá.

Pedro – Beleza.

Caio volta ao quarto dos fundos, senta novamente. No antigo quarto dele, o silêncio se mantém por alguns segundos, até eles se sentirem a vontade para rir, e então voltar a falar.

Vanessa – Pedro, libera essa cama pra mim, vai.

Pedro – Nossa, nem fudendo.

Vanessa – Porra, que custa?

Pedro – Eu sou maior, cara, não vou ficar em colchãozinho no chão, não.

Vanessa – Eu não quero ficar na sala. E não vou pedir pra ficar no quarto com o papai.

Luca – Porque não?

Vanessa – Porque não, né. A Elisa me mata.

Pedro – Foda-se a Elisa.

Vanessa – *(pega o celular e começa a checar as mensagens)* A Elisa é a dona da casa, trouxa.

Pedro – Foda-se a casa.

Vanessa – *(ao celular, com o namorado, voz infantil)* Oi, bebezinho, você tá aí?

Luca – A gente precisava mesmo vir pra cá?

Pedro – Claro que não. Isso é tudo frescura da Elisa. Ela morre de ciúme da mãe. Aposto que foi ideia dela.

Luca – Por que?

Pedro – Pro pai não ter que ir lá em casa toda hora.

Vanessa – É, bem melhor tacar a gente no apartamento dela e ter que pagar nossas contas.

Pedro – Ela não paga nossas contas. O pai paga nossas contas.

Vanessa – Paga, sim. Do mesmo jeito que paga lá em casa.

Pedro – Ele paga, mesmo.

Vanessa – Ele nunca nem aparece.

Pedro – Não quer dizer que ele não paga as contas.

Vanessa – Cala a boca.

Pedro – Cala a boca você.

Vanessa – A mãe ganha mais, se vira sozinha. Cê sabe.

Pedro – Tá, mesmo assim.

Vanessa – E aqui é diferente.

Pedro – Para de reclamar, é por pouco tempo.

Vanessa – E se for mais? Já pensou? Essa casa apertada e esse filho estranho dela.

Pedro – Você nem vai ver esse moleque. Nem vai ouvir a voz dele.

Vanessa – Saco.

Pedro – Ninguém nunca ouviu a voz dele na vida. *(Eles riem)* Não consegue falar mais que duas ou três palavras.

Vanessa – Bizarro. *(grava no celular, pra amigas)* Oi, acabei de chegar aqui. Ai, é muito zoadado. Pequeno, estranho. Não tem nem quarto pra mim.

Caio – *(no quarto dos fundos, narra)* Não sei bem o que dizer aqui. A primeira coisa que eu pensei foi escrever aqui uma história de herói. Porque eu gosto dos heróis, eles conquistam tudo que querem, e quando eu era pequeno gostava de pensar que eu era um herói. Mas agora já deu pra perceber que na verdade eu sou o cara que perdeu pro herói. Sou o chefão da primeira fase, aquele que todo mundo passa fácil, aquele que o herói nem tem tanto trabalho assim. Nunca tinha pensado que tinha esse outro lado. Mas tem. Sempre tem. *(Caio tira de uma das caixas um videogame antigo, e começa a mexer nas peças.)*

Vanessa – *(rindo, no celular)* Cê não tem ideia. MUITO estranho. Sempre foi meio estranho, né, mas a última vez que eu tinha visto ele era muito criança ainda, acho que não reparei, mas agora tá foda, ele tá muito zoadado.

Luca – *(pra Pedro)* Quanto tempo a gente vai ficar?

Pedro – Pouco.

Luca – Pouco quanto?

Pedro – Pouco.

Vanessa – *(pra Pedro)* Não fala do que você não sabe.

Pedro – Cala a boca, ele é criança....

Luca – Eu não sou criança.

Pedro – Não, não é não, cê é adulto pra caralho.

Vanessa – Ele tem que saber das coisas.

Pedro – Ele sabe.

Vanessa – *(irônica)* Sabe sim... *(no celular, rindo)* Que meio irmão, o que, cala a boca.

Pedro – *(pra Luca)* A gente vai ficar aqui até as coisas melhorarem. Aí a gente volta pra lá.

Luca – A gente nunca morou com o pai antes.

Pedro – Morou, sim.

Luca – Jura?

Pedro – Você era pequeno demais pra lembrar.

Luca – E como era?

Vanessa – *(celular, namorado)* Eu tô morrendo de saudade, já. Você tá com saudade?

Pedro – *(Pensa)* Igual.

Luca – Por que a gente não pode ficar lá?

Pedro – Porque eles decidiram que a gente vai ficar aqui, então a gente vai ficar aqui. A mãe vai ficar lá, até as coisas melhorarem. Ela vai ficar lá e vai pensar só nisso.

Luca – Só nisso o que?

Pedro – Em melhorar as coisas. Ela vai ficar lá sozinha, só fazendo isso, de manhã até de noite, tudo que ela vai fazer é pensar em como melhorar.

Luca – Ela pode fazer isso com a gente lá.

Vanessa – *(celular)* Como que eu vou assistir aula sem você do lado?

Pedro – Não pode. Se a gente tiver lá ela passa uma parte do tempo pensando que tem que cuidar da gente, e não pensando em melhorar.

Luca – E isso não é bom?

Pedro – Não sei.

Vanessa – *(celular)* Ai, como você é bobo.

Pedro – Acho que não.

Luca – Ela pode pensar nisso e na gente ao mesmo tempo.

Pedro – Ela não tá mais pensando em nada.

Vanessa – *(celular)* Que você fez hoje?

Luca – É que não dá pra pensar uma coisa só o dia todo. Eu já tentei. Você pensa em uma coisa mas quando percebe sua cabeça sozinha tá pensando em outra, e você nem lembra como aquele pensamento foi parar ali. Você não controla o pensamento, é muito mais o pensamento que controla você. Você não

pensa uma coisa só o dia todo. E se ela passa o dia todo pensando em melhorar na verdade ela passa o dia todo pensando em como tá ruim.

Pedro – *(pausa)* É, isso também.

Vanessa – *(no celular, com as amigas)* Eu não, eu prefiro visitar vocês. Aqui nem cabe todo mundo. Aqui é zoado.

Luca – Não é justo.

Pedro – Não, não é, não é nada justo.

Vanessa – *(celular, amigas)* É só olhar pro bairro, pro tipo de casa que tem, o tipo de gente que anda na rua. Muito zoado.

Pedro – *(pra Vanessa)* Porra, como você reclama.

Vanessa – Você queria que eu fizesse o que?

Pedro – Pára de chorar, que saco.

Vanessa – Você tem cama, pelo menos.

Pedro – Mas que merda, fica com a porra da cama!

(Ele se levanta e ela ocupa a cama no lugar dele)

Vanessa – Você é mais velho. *(irônica)* Tem que tomar conta da gente.

Pedro – Vai se fuder.

Vanessa – Quem vai tomar conta do seu irmãozinho?

Luca – Sua idiota.

Vanessa – *(pra Luca)* Vai, babaca.

Pedro – Porra, cala tua boca.

Vanessa – Que merda.

Pedro – *(irritado)* Claro que é uma merda, eu sei que é uma merda, mas não tem nada que a gente possa fazer.

Silêncio. Pedro sai irritado, vai até a sala e se atira no sofá, fica deitado, olhando pro teto, visivelmente incomodado. Vanessa se concentra no celular de novo, deitada na cama. Luca sai do quarto e anda pela casa.

Vanessa – *(grava)* Parece que a gente tá em outra cidade, sei lá. Muito qualquer coisa.

Caio – *(narra)* Então talvez eu possa escrever isso aqui. A história da minha derrota. Pra que todo mundo saiba. Porque quando as pessoas lerem isso, eu não vou estar mais aqui, então acho que pelo menos vai servir pras pessoas entenderem o porquê. O porquê eu resolvi ir embora. Acho que eu sempre quis ir embora, sempre. Mas desde que eles chegaram, tenho pensado nisso muito mais.

Vanessa – *(namorado)* Ah, não fiz nada. A gente fez a mudança, só

Caio – *(narra)* Só que eu não sei pra onde ir. Eu fico pensando em todos os lugares do universo que devem ser melhores do que aqui, e são vários, acho que quase todos, mas como eu posso ter certeza que vou achar esse lugar? Eu nem sei se esse lugar melhor existe mesmo.

Telefone de Pedro toca. Ele atende.

Pedro – Oi. *(TR)* Chegamos. *(TR)* Ah, normal. *(TR)* Se sentir em casa, mesmo, não dá, né? *(TR)* Não, não é não, nem fudendo.

Vanessa – *(celular, amigas)* Não, sério, você não tá entendendo o fracasso. *(ri muito alto)* Pior lugar, sério, se tiver uma competição, ganha, certeza.

Pedro – *(celular)* Ah, tá, como se você não falasse. *(TR)* Avisei sim, mandei mensagem pra mãe. *(TR)* Achei que ela ia te falar. *(TR)* Porra, agora tudo que eu for fazer eu tenho que avisar você E ela também? Aí fudeu. *(TR)* Tá, senhor Eduardo, tá. *(TR)* Ah, não, é? *(TR)* Tá. A gente pede uma pizza. *(TR)* Perguntar o que, o cara não sabe nem falar o próprio nome.

Caio – *(narra)* Uma pessoa só vai embora quando ela percebe que é melhor enfrentar problemas novos do que ficar ali, no mesmo lugar, com os mesmos problemas que ela já conhece. Tem que ter coragem pra fugir daquilo que faz você se sentir um merda. Porque ser um merda as vezes é tudo que você sabe fazer. Ser um merda é tudo que você sabe sobre você.

Pedro – A gente se vira. *(TR)* A gente se vira, não tem outra opção que não a gente se virar, né? *(desliga)* Tomar no cu.

Pedro desliga. Começa a ouvir música. Luca esteve até agora no quarto com Vanessa, e ela não lhe deu a menor atenção. Ele se levanta e começa a andar pela casa, sondando, procurando.

Vanessa – *(grava no celular)* Não, a festa vai ser pra galera daí, cê acha... tô até vendo que só vai ter cara zoadado nessa escola nova.

Luca chega até a sala e olha para Pedro, que também não parece estar muito interessado nele, enquanto canta a música alto, sem se importar se está atrapalhando alguém. Anda mais um pouco pela casa. Vai até a porta do quarto dos fundos, que agora é o quarto de Caio. Ele olha pra dentro. Caio olha de volta. Eles se encaram por alguns segundos.

Vanessa – *(grava no celular)* Ah, não, você dança na minha, e depois você tem que me chamar pra dançar na sua, já tava combinado. *(TR)* Nossa, eu nunca mais olho na sua cara. Juro.

Caio – Eu fico aqui porque ainda não tive coragem pra decidir. Coragem é coisa de herói. Eu não sou herói. Eu sou um merda.

Luca continua encarando Caio, que está trancado no menor quartinho no canto da casa, enquanto os outros dominam todos os outros cômodos. Até que Caio veste novamente o capacete, e quando ele faz isso, todos os outros sons da cena param, embora os movimentos da cena continuem. Como se estivéssemos no espaço, e o som não mais se propagasse. Luca entende que deve ir embora, e volta a rondar a casa.

CENA 02

Algumas semanas depois. Manhã. Vanessa está no banheiro se maquiando enquanto os dois meninos ainda estão no quarto. Olha-se no espelho e faz mil caras, namora-se por um longo tempo, mas ao final dá um longo e decepcionado suspiro. Luca sai do quarto, vai até o banheiro.

Luca – Anda logo!

Vanessa – Não enche!

Luca – Vai, caramba.

Luca espera na porta do banheiro. Pedro ainda dorme. No quarto dos fundos, Caio acorda, senta na cama, ainda como astronauta. Ele tira o capacete.

Caio – *(narra)* No começo da história você precisa apresentar todo mundo, o lugar, os personagens, o que tá acontecendo. Senão fica confuso. Eu moro nessa casa desde os seis anos, e vou morar mais doze pelo menos que é o tempo de acabarem as parcelas, a minha mãe disse. Meu pai nunca morou aqui. Quando a gente veio, acho que ele e minha mãe já nem se falavam mais.

Luca – *(bate de novo na porta)* Vanessa, por favor.

Vanessa – *(irritada, abrindo a porta)* Vai, entra logo.

Luca entra no banheiro correndo, Vanessa volta ao quarto, Pedro ainda está na cama. Caio pega sua mochila, seu capacete, e sai do quarto dos fundos. Anda lentamente, como na cena anterior.

Vanessa – Ainda?

Pedro – Você não saía do banheiro...

Vanessa – Nem fiquei tanto assim.

Pedro – Caralho, eu era capaz de matar pra não ir pra escola hoje.

Vanessa – Nem me fala.

Pedro – Duas semanas de aula e nada de interessante. Nada.

Vanessa – Essa escola é um saco.

Pedro – Essa merda vai ficar o resto do ano assim.

Vanessa – *(olha pra ele)* Achei que a gente não ia ficar nessa escola o resto do ano.

Pedro – A gente não vai. Ainda assim a escola vai continuar uma merda o resto do ano.

Caio para na frente da porta de seu antigo quarto. A porta está fechada, mas ele fica lá, no corredor, como se olhasse pra dentro, como se conseguisse ver com clareza o cômodo mesmo estando do lado de fora.

Caio – *(narra)* Quando a gente mudou, minha mãe deixou eu escolher a cor do meu quarto. Eu pintei de azul. E coleí estrelas que brilham no escuro no teto, fiz questão de montar as constelações como elas são mesmo, eu pesquisei muito antes de colar. Eu gostava de deitar na cama e olhar pra cima. Por horas.

Vanessa – *(ainda se arrumando em frente ao espelho)* Tá. No João também não acontecia nada de interessante.

Pedro – É. Acho que é tudo a mesma merda mesmo.

Vanessa – O que salvava no João eram as pessoas.

Pedro – É. Tinha uma galera legal, que a gente conhecia desde moleque. *(ri)* Você lembra aquela vez que colocaram laxante dentro do pote de ketchup na cantina?

Vanessa – *(ri)* A vez que você colocou laxante no pote de ketchup da cantina?

Pedro – *(ri)* Isso nunca foi provado!

Vanessa – *(ri)* Quase a professora de geografia comeu, lembra?

Pedro – Devia ter comido. *(ri)* Chata do caralho.

Vanessa – *(rindo)* Todo mundo passando mal depois.

Pedro – *(rindo)* E o Jorge de sala em sala dizendo que quem sabia quem tinha sido era melhor dizer logo, porque se ele descobrisse sozinho, ia ser pior.

Vanessa – Mas ninguém disse.

Pedro – Ninguém disse. A gente era unido pra caralho.

Vanessa – É.

(ainda riem, um pouco nostálgicos)

Caio – *(narra)* Depois de um tempo minha mãe começou a namorar o Eduardo, mas ele só veio morar aqui bem depois. Eu não gosto tanto dele, mas ele deve ajudar minha mãe a pagar as contas, então tudo bem. Faz duas semanas que ele resolveu trazer os filhos dele pra cá. E agora, meu quarto não é mais meu.

Pedro – Mas nessa escola só tem babaca.

Vanessa – É. Primeiro achei que fosse só na minha sala, mas não.

Pedro – Tudo babaca. Não sabem nada, não conhecem nada, não ouvem uma porra duma música boa.

Vanessa – Nem na turma do Luca não salva ninguém.

Pedro – Tudo babaca.

Caio – *(narra)* Na primeira semana, eu sonhei que a casa tava falando. A televisão, o sofá, a cama, os pratos na cozinha, as estrelas grudadas no teto do quarto.

Vanessa – Sabe que já tão falando merda pra ele, né?

Pedro – É? Que bosta.

Caio – *(narra)* Tudo na casa falava sem parar. Falavam meus segredos, coisas que tinham acontecido ali antes, tudo. E eles tavam lá também. Ouviam tudo.

Vanessa – E isso porque não sabem porque a gente mudou de escola. Imagina se alguém descobrir...

Pedro – O que?

Vanessa – Sei lá, da mamãe. De com quem a gente mora.

Pedro – Cê pretende contar?

Vanessa – Eu não.

Pedro – Nem eu.

Vanessa – Se alguém souber, a gente tá fudido.

Caio – *(narra)* E as vozes repetiam, repetiam, como um eco na minha cabeça. Eu acordei assustado e não consegui mais dormir.

Vanessa – Você viu o vídeo semana passada?

Pedro – Qual vídeo?

Vanessa – O vídeo dele.

Pedro – Ah, não, não vi. Mas vi uns caras comentando.

Vanessa – É muito engraçado.

Acha o vídeo no celular, entrega pra Pedro. Assistem juntos. Conseguimos ouvir alguns sons, comentários feitos no vídeo. Os dois riem. Caio está na cozinha nesse momento, sentado na mesa, como se fosse tomar café.

Caio – Também sonhava muito que eu tava caindo. O tempo inteiro.

Caio não se move, não faz nada, fica apenas ouvindo as coisas que falam dele, como no sonho, como paralisado.

Pedro – *(rindo)* Putaquepariu.

Vanessa – Ainda bem que ninguém inventou de levar a gente pra escola, todo mundo junto.

Pedro – Só faltava essa.

Caio – Mas não era assustador. Era gostoso. Como se a gravidade não existisse.

Vanessa – Imagina, chegar junto com ele. Descer do mesmo carro. A escola toda vendo.

Pedro – Foda.

Vanessa – Todo mundo ia saber. Ele é muito zoadado. Sempre estudou lá e sempre foi zoadado.

Caio – Como se eu estivesse voando, como se eu fosse livre, pelo menos um pouco.

Pedro – Também, esquisito pra caralho.

Vanessa – É isso, né. No mundo tem as pessoas piadistas e as pessoas piada. Ou você é um ou você é outro. *(Vanessa repete a frase várias vezes, como se fossem as vozes no sonho de Caio)* As pessoas piadistas e as pessoas piada. Ou você é um ou você é outro. Ou você é um ou você é outro. Pessoas piada. Piada. Piada.

Caio deixa tudo sobre a mesa, levanta, veste o capacete. Mesmo efeito sonoro do fim da primeira cena. Caio sai e a cena volta ao normal.

Pedro – E ele fica quieto. Vê os caras falando e fica quieto. Não parte pra cima. Se algum babaca vier falar merda pra mim, eu dou na cara.

Vanessa – *(Irônica)* Como você é foda.

Pedro – Vai se fuder, não fico quieto, não. Se começarem a falar muita merda pro Luca, vão ver, também.

Vanessa – Você fala merda pro Luca o tempo todo.

Pedro – Foda-se. Eu sou irmão dele. Eu posso falar merda pra ele.

Luca volta do banheiro. Pedro se levanta para ir também, cruza com ele na porta.

Pedro – *(para Luca)* Corta esse cabelo.

Luca – Eu gosto assim.

Vanessa – Se quiser tomar café, vem logo. *(no celular)* Oi, bebezinho, bom dia.

Vanessa sai do quarto. Luca se olha no espelho do quarto. Arruma o cabelo. Faz também as mil caretas como Vanessa acabou de fazer. Pega sua mochila e vai pra cozinha.

Vanessa – *(ao celular)* Hoje não dá, eu te falei ontem. *(TR)* É porque é muito longe, e meu pai não deixa eu ficar cruzando a cidade assim, mas no final de semana você pode vir pra cá.

Pedro sai do banheiro, pega suas coisas e também vai se sentar na cozinha.

Luca – Não tem sucrilhos?

Pedro – Não. O pai deixou só pão.

Luca – Ele já foi?

Pedro – *(faz que sim com a cebça)* Ele sai cedo.

Luca – Gosto mais do pão que a mãe comprava.

Vanessa – *(celular)* Mas a gente se fala todo dia, não fala? Não é bom?

Luca – Você acha que ainda vai demorar muito?

Pedro – Não sei.

Luca – Mas o que você acha?

Pedro – Luca... Pensa que é uma viagem de férias.

Luca – Não é férias se a gente tá indo pra escola.

Vanessa – *(celular)* Eu sei que não é a mesma coisa que a gente se ver todo dia de verdade, mas é bom, não é?

Pedro – Come logo, vai.

Luca – Quando a pessoa tá doente, ela vai pro hospital, não é?

Pedro – É.

Luca – Então por que a gente que mudou, se quem tá doente é ela?

Pedro – Você queria que ela tivesse no hospital?

Luca – Não.

Vanessa – *(telefone)* Não, eu não acho estranho. Pra mim tá normal. Eu não gosto de ficar longe, mas isso não muda nada, não muda o que eu sinto.

Luca – É que eu queria estar em casa.

Pedro – Mas aí ela ia estar no hospital. Ela não ia estar com você.

Luca – Não.

(pausa)

Pedro – Então, que diferença faz?

(Luca não responde)

Vanessa – Cadê o esquisito?

Luca – Eu ouvi ele saindo. Por que ele nunca vai com a gente?

Vanessa – Porque a gente não faz questão. *(celular)* Mas não é culpa minha. Eu queria ir. Eu sinto sua falta.

Pedro – É melhor assim, acredita.

Vanessa – *(celular)* Não, não é deixa pra lá. Porque você tá falando essas coisas? Você não quer mais me ver?

Pedro – É melhor pra gente.

Todos pegam suas coisas de café da manhã, vão saindo de casa e comendo.

Passagem de tempo. Tarde, após a escola. Caio entra pela porta da cozinha, com o capacete, novamente apático, movimentos lentos. Entra e olha em volta, procura pra ver se tem alguém. Vai até a sala, dá uma leve olhada pra seu antigo quarto. O telefone toca.

Caio – Oi, mãe. (TR – tempo de resposta) Tudo. (TR) Certeza. (TR) Não tô desanimado. (TR) Não, não tô. (TR) Nada. (TR) Não aconteceu nada, já falei. (TR) Não. (TR) Eu vim sozinho. Não quis esperar. (TR) Eu não sei, deviam ter aula a tarde. (TR) Então liga pra eles e pergunta. (TR) Não. (TR) Tá, eu sei, mãe. (TR) Tá. Que horas você volta? (TR) Por que tão tarde? (TR) Tá. Tchau. (TR) Aviso. Aviso. Tchau.

Ele desliga. Caminha até a varanda e olha pra baixo.

Caio – A gente mora no 23 andar. Os prédios tem mais ou menos três metros por andar. Isso dá quase 70 metros. É alto, mas não é tanto, um astronauta só é considerado astronauta se tiver voado mais alto que 80 quilômetros. 23 andares. Demora cinco segundos pra chegar no chão. Fiz a conta na aula outro dia. A velocidade pode chegar a 120 km/h. Muita gente se joga de prédios. Muita gente se joga de prédios pegando fogo. Na hora as pessoas ficam com tanto medo de morrer queimadas ou sufocadas que preferem morrer caindo. Dizem que quando a pessoa sente medo desse jeito, o corpo já libera hormônios e coisas assim pra amenizar a dor, os batimentos cardíacos diminuem, e quando a pessoa chega no chão já não sente quase nada. Quase nada. Quanto será que dói? Dói mais que ficar no prédio? Que esperar?

Luca chega da escola. Caio ouve ele chegar. Luca deixa a mochila no quarto, enquanto Caio vai pro quarto dos fundos, tira o videogame da caixa e recomeça a mexer.

Caio – Quanto será que dói ir embora?

Luca olha-se novamente no espelho, arruma o cabelo, mais caras e bocas. Para por um tempo, vai até a mochila e pega um batom. Volta ao espelho, pensa em passar, olha pra porta, pensa de novo, desiste.

Caio – Quanta dor uma pessoa aguenta?

Luca coloca o batom de volta na mochila. Anda pela casa. Para na porta do quarto de Caio de novo, olha pra dentro. Eles se olham novamente, por um tempo. Caio volta a olhar o videogame.

Luca – O que é isso?

Caio – Um videogame.

Luca – Isso aí?

Caio – É. Tipo o avô do Playstation.

Luca – E você joga?

Caio – Não funciona.

Luca – Pra que você guarda, então, se não serve pra nada?

Caio – As pessoas guardam muitas coisas que não servem pra nada. *(pausa)*
Meu pai me deu. Era dele.

Luca – Esses são os jogos?

Caio – É.

Luca – *(lendo)* Enduro.

Caio – É de corrida.

Luca – E esse?

Caio – Era um carinha que corria e pulava uns obstáculos, se pendurava no cipó, pulava o lago, umas coisas assim. Meio bobo.

Luca – Space Invaders?

Caio – Tinha uma nave espacial, e as outras naves vinham pra cima de você, você atirava nelas, e se elas chegassem muito perto de você, você perdia.

Luca – Só isso?

Caio – Só. Era só não deixar chegar perto.

Luca – Não parece muito legal.

Caio – Não é. *(passa o celular pra ele)*

Luca – Esse é tipo uma imitação?

Caio – Mais ou menos. *(Luca brinca com o jogo por um tempo)* Nem dava pra fazer muita coisa mesmo, porque o controle tinha pouco botão. Nem tem cor direito, também.

Eles param de falar por um tempo. Ouvimos o som do jogo.

Luca – Faz tempo que você não fala com ele?

Caio – Nunca mais falei.

Luca – Nem de fim de semana? (*Caio não responde*) Meu pai levava a gente pra almoçar. De vez em quando.

Caio – Eu sei. (*Silêncio*) No começo ele levava. Eu era pequeno, lembro muito pouco. Uma vez a gente foi num lugar que tinha um sorvete azul. Era bonito, mas acho que não tinha gosto de nada. Minha mãe diz que depois ele começou a aparecer menos, ligava de vez em quando, aparecia no Natal, trazia presente. Trouxe o videogame num aniversário. Um dia ele apareceu pra me buscar e eu não quis ir. Eu chorei, chorei, chorei, me agarrei na minha mãe e não quis ir. E ela disse isso pra ele, e ele não apareceu mais.

Luca – Faz quanto tempo isso?

Caio – Uns dez, onze anos?

Luca – Nossa, é a minha idade.

Caio – (*narra*) Não sei porque eu fiz isso. Será que eu tinha medo dele? Porque ele era um cara que eu não conhecia? Acho que ele ficou esperando que eu falasse alguma coisa. Depois. Quando eu fiquei maior, quando eu entendia. Se eu tivesse falado, talvez ele tivesse voltado. Eu nunca falei. Ele nunca voltou.

Luca – Por que você não jogou fora?

Caio – Tava no fundo do armário. Eu nem lembrava. Achei quando trouxe minhas coisas pra cá.

Luca – Te deixou triste?

Caio – (*pensa*) Curioso, acho.

Luca – De onde ele tá agora?

Caio – É.

Luca – Será que ele tem outra família?

Caio – Por que?

Luca – O meu pai tinha.

Caio – É.

Silêncio.

Luca – A minha mãe diz que meu pai já namorava sua mãe antes. Quando ele morava com a gente. Ele ainda era casado com a minha mãe, mas já namorava com a sua. É o que ela diz.

Silêncio.

Luca – O Pedro também acha isso, eu já ouvi ele falar. *(pausa)* O que você acha?

Caio – Eu não sei. *(pausa)* E você?

Luca – Não sei também. Não lembro. *(pausa)* Acho que eu via mais meu pai quando morava na outra casa.

Caio – É nada.

Luca – É, sim. Ou eu lembro mais, porque quando ele aparecia na outra casa, era um dia diferente, especial. Eu me sentia importante, porque ele tinha ido até lá só pra isso. Agora não é nada demais. Ela já mora aqui mesmo.

Caio – Sei.

Luca – A minha mãe cuidava melhor da gente. Quando ela tava bem. Acho que ela gostava mesmo de ser mãe. Depois parou.

Caio – Como assim?

Luca – Sabe quando você tem um dia ruim em que tudo dá errado, e aí você fica esperando acabar pra que no dia seguinte as coisas sejam melhores? Aí imagina se você acorda no outro dia e as coisas não estão melhores? E você tenta de novo no dia seguinte mas também não dá certo? É como se você estivesse preso numa viagem no tempo, repetindo um mesmo dia na sua vida. Um dia ruim.

Caio – Sei.

Luca – A gente veio pra cá enquanto esse dia dela não acaba. Só que a cada dia falta só mais um dia. *(Longa pausa)* Mas se acontecesse essa mesma coisa, mas o dia que repete fosse um dia muito bom, seria maravilhoso, não seria?

Caio – *(narra)* O Luca ainda conseguia ver felicidade nas coisas, apesar de tudo. Se ele pudesse repetir um dia, ia repetir um dia da idade que ele tem, e não da que eu tenho. Certeza. Quando você é criança é mais fácil. Já é esperado que você não saiba de nada, você tá lá pra fazer as perguntas, e todo mundo acha fofinho quando você fala bobagem. Mas quando você fica mais velho é chato não saber. Você não pergunta as coisas porque já não é tão simples assim, e aí você fica quieto. Cada vez mais, você fica quieto. Mesmo que as perguntas estejam gritando dentro de você, você fica quieto. Eu fiquei.

Continuam os dois no quarto, Caio mexendo no antigo videogame e Luca jogando no celular. Pedro e Vanessa também voltam da escola. Pedro joga suas coisas na sala e senta no sofá.

Vanessa – *(grava ao telefone)* Oi, Pri, então, tava pesquisando aqui e achei uns penteados muito lindos. Vai combinar muito com o meu vestido. *(olha ou ouve a resposta. Enquanto isso, pega um vestido no guarda-roupas)*

Caio – *(narra)* A Vanessa só falava da festa, só falou disso por meses.

Vanessa – O primeiro vai ser um dos que eu já tenho, mas o da hora da valsa acho que vou mandar fazer. Porque na hora da valsa tem que ser o vestido. *(Coloca o vestido na frente, se olha no espelho. É um vestido longo de debutante)*

Caio – Ela não queria uma festa qualquer, queria a festa. O melhor salão. O melhor vestido. A melhor comida. Ela é metida pra caramba.

Vanessa – Ah, não, aquele vestido dela era muito ruim. Aliás, a festa dela foi muito ruim, né? *(Ela prova o vestido)*

Caio – Mas pelo menos ela consegue se interessar por alguma coisa. Esperar pela festa é melhor que a própria festa.

Vanessa – O cabelo dela tava horrososo. A música era ruim demais. A decoração era cafona. *(Pega um estojo de maquiagens, mexe nele, rindo.)*

Caio – Eu não tenho nada pelo que esperar. Os dias são iguais.

Vanessa – Ah, isso é. Mas também, o pai dela é muito rico, se eu tivesse metade do dinheiro que o pai dela tem eu faria uma festa mil vezes melhor. *(Fala pra si mesma)* Cadê meu batom rosa? *(Grita)* Luca, cadê meu batom rosa?? *(Fala no celular, voz de namorada)* Oi, onde você tava? *(TR)* Ah, entendi. É que eu tava te chamando há um tempão. Você não viu? *(TR. Continua procurando o batom)* Que aula? Você não faz aula a tarde. *(TR)* Eu só tô perguntando, você não precisa ficar bravo. *(TR)* Não tô controlando, só fiz uma pergunta. *(TR)* Não tô, juro. Você sabe que eu não sou ciumenta. Só tô perguntando. *(TR)* Porque eu sinto sua falta, ué. Você não? *(grita)* Luca, você mexeu nas minhas maquiagens de novo? LUCA!

Luca – *(também grita)* Já vou!

Pedro – *(também grita)* Para de gritar, porra!

Vanessa – Que saco! *(Anda até o banheiro, procura de novo. No celular)* Por que você tá falando assim comigo? *(TR)* Mas o que eu posso fazer? Eu moro longe agora, você sabe que meu pai não me deixa ir. Eu queria. Claro que eu queria. *(TR)* Como assim não vale a pena? *(grita)* Luca!!!!

Pedro – Luca, caralho!

Luca – Já vou.

Vanessa – Mas não tem nada a ver com ser sério, não precisa ser sério, mas você sabe que eu gosto de você. *(TR)* Como assim dar um tempo? Eu não quero dar tempo. *(TR)* Mas não é culpa minha, é essa mudança, você sabe. *(grita)* Luca, cadê??

Pedro – *(grita)* Luca!

Vanessa – *(mais baixo)* Não acho que ficou sem graça. Pra mim, não é sem graça. *(TR)* Mas quando a gente se ver no fim de semana vai ser legal. Eu juro. Você vai ver. *(TR)* Mandar o que? *(TR)* Ah, não sei. Que vergonha.

Pedro –Luca, porra, que saco.

Luca – Eu já vou.

Vanessa – Não, não sou, não. Nada a ver. *(TR)* Claro que eu gostei, eu te falei que eu gostei. *(TR)* Claro que eu confio em você! *(TR)* Não é isso. É que.. e se alguém vê? *(TR)* Eu sei que você não vai mostrar. *(grita)* Luca! *(fecha a porta com força, irritada)*

Pedro – Luca, caralho! *(Pedro levanta e vai até a porta do quarto dos fundos)*

Caio – *(narra)* O Pedro é o mais velho. Tá no último ano. Ele é rebelde, mal-educado. E acha isso legal.

Pedro – *(na porta do quarto)* Que merda de mania idiota.

Luca – *(levanta e sai do quarto)* Tô indo.

Pedro – Puta coisa de viadinho.

Luca sai do quarto dos fundos e vai atrás de Vanessa. Ele vê que ela se trancou no banheiro e entra no quarto. Pedro olha para Caio dentro do quarto dos fundos. Os dois se encaram por alguns segundos.

Caio – Eu também acho. Porque ele fala o que ele bem entende.

Vanessa – Tá. Eu sei. Eu mando. *(TR)* Jura que não mostra, né? *(TR. Ela ri)* Sou nada. Tô gorda. *(TR)* Eu sei. Eu também gosto.

Caio –Pra que não é bom com palavras, como eu, parece ser uma coisa bem boa.

Luca pega o vestido que ficou em cima da cama, coloca em frente ao corpo e se olha no espelho, repetindo a cena que a irmã acabou de fazer. Vanessa está no banheiro, também se olha no espelho e examina o próprio corpo. Pedro e Caio continuam se encarando. Caio coloca o capacete. Mesmo efeito do fim da primeira cena. Nenhum som, enquanto Pedro volta para a sala; Luca se admira no espelho com o vestido de Vanessa; e Vanessa coloca o celular por baixo do vestido e tira fotos. Ela repete a ação algumas vezes.

CENA 03

PESADELO DE CAIO

Celular de Caio toca. Ele acorda assustado, desliga o som. Senta na cama ainda confuso. Repetição do início da cena anterior. Vanessa está no banheiro. Luca se levanta, vai até a porta do banheiro, Vanessa sai para que ele entre. Vanessa vai ao quarto dos três e Pedro ainda está deitado.

Vanessa – Pedro, seis e meia.

Pedro – Que?

Vanessa – Seis e meia. Você não vai hoje de novo?

Pedro – Não.

Vanessa – Por que não?

Pedro – Por que sim?

Vanessa – Você não foi a semana toda.

Pedro – Eu durmo a aula toda. Que diferença faz dormir lá ou em casa?

Vanessa – Cê vai bombar.

Pedro – Foda-se. Foda-se escola, foda-se faculdade, foda-se essa merda toda.

Vanessa – Vai fazer o que, então? Trabalhar?

Pedro – Nem fudendo.

Vanessa – E quanto tempo cê acha que o pai vai te dar dinheiro?

Pedro – Eu peço pra mãe.

Vanessa – Se um dia ela voltar a trabalhar...

Pedro – Eu vou vender miçanga na praia. Vou andar com cachorro. Vou fazer qualquer coisa. Mas não vou pra essa porra de escola nunca mais.

Vanessa – O pai vai falar merda...

Pedro – O pai sempre fala merda.

Vanessa sai do quarto. Encontra-se com Luca na cozinha. Eles sentam pra comer. Caio levanta, pega sua mochila, começa a ir em direção a cozinha, mas percebe que os outros estão lá e volta a se fechar no quarto. Muito nervoso, sem saber como agir.

Caio – *(pra si mesmo)* Você só vai lá e vai tomar café. Só.

Sai do quarto. Anda até a cozinha. Os outros já estão na mesa. Caio senta-se com eles. Apoia o capacete na mesa. Todos se entreolham.

Luca – Oi.

Caio não responde. Vanessa ri discretamente. Enquanto Caio fala, eles continuam comendo. Luca encara tudo com naturalidade; Caio sempre se atrapalhando, sem conseguir olhar pros outros; Vanessa tentando esconder o riso, às vezes digitando algo no celular.

Caio – *(narra)* Eu nunca me apaixonei de verdade. Mas nos filmes, nos livros, quando a pessoa se apaixona ela acha que a outra pessoa pode reparar nela a qualquer momento. E aí a pessoa não quer fazer merda justo nesse momento. Se você tá apaixonado, você pensa o tempo todo em não agir feito idiota, você pensa: o que será que ele tá pensando do que eu tô dizendo? Será que ele tá percebendo que enquanto eu tô dizendo eu tô pensando sobre o que será que ele tá pensando sobre o que tô dizendo? Você se sente ridículo, e se arrepende de cada palavra, mesmo que você tenha ensaiado mil vezes o que ia dizer, e aí lembra que tem uma espinha no meio da sua testa, será que ela reparou? Será que dei brecha, será que deveria dar mais brecha, será que ele vai rir quando souber o que eu sinto, vai rir comigo ou rir de mim, e você percebe que tá vermelho, e quanto mais você quer controlar mais vermelho você fica, e é sempre assim, que merda, que desespero. *(pausa)*

Caio derruba algo. Vanessa começa a rir discretamente.

Caio – Então, pra mim é como se eu estivesse apaixonado por todas as pessoas do mundo. Porque com todo mundo eu me sinto assim, desconfortável na minha própria pele.

Vanessa ri descontroladamente. A risada dela ecoa, como no sonho de Caio. Caio fica desconcertado, pega o capacete e sai, sem falar com ninguém.

Luca – *(pra Vanessa)* Como você é idiota.

Luca pega suas coisas também, sai logo depois. Vanessa é a última a sair.

Passagem de tempo. Pedro está na sala, fumando. Caio volta da escola e dá de cara com ele. Está obviamente incomodado mas não diz nada.

Pedro – *(provoca)* Algum problema?

Caio – Minha mãe não vai gostar.

Pedro – Sua mãe não tá. Se ninguém contar, ela nunca vai ficar sabendo.

Caio não responde. Pega suas coisas e vai pro quarto dos fundos.

Caio – *(narra)* Toda história tem que ter um vilão. Um antagonista. Pronto. Agora era só esperar, deixar as coisas acontecerem, as merdas piorarem, porque é sempre assim. Eles chamam isso de conflito. Uma hora ia ficar insuportável e alguém ia ter que ir embora. Se eles não fossem... eu ia.

Depois de um tempo, Vanessa e Luca chegam. As roupas de Luca estão completamente sujas. Ele está nitidamente chateado.

Vanessa – Dá um jeito nisso. A Elisa vai brigar. *(Luca não responde)*

Caio – *(narra)* Alguém ia ter que ir embora.

Vanessa – Que você fez pra deixar a roupa assim?

Luca – *(sem querer falar)* Nada...

Luca vai pro quarto dos três, trocar de roupa. Vanessa manda mensagens no celular.

Caio – *(narra)* Se eu fosse, minha mãe ia chorar. Acho. O Eduardo, não. Meu pai, nem ia ficar sabendo. Eles três iam achar bom. Certeza. *(pausa)*

Vanessa – *(no celular)* Ah, Pri, não sei dizer, mas ele tava muito chato. Só cobrança, só enchendo. Fazia tempo, já.

Caio – *(narra)* Ia tocar Bowie na cerimônia. E depois podiam jogar as cinzas em algum lugar. Do topo do nosso prédio. Ou outro lugar bem alto.

Vanessa – *(no celular)* E a gente quase não se via mesmo. Um saco. Meu pai não deixa eu ir praí. Só posso ir quando vou visitar minha mãe. Faz quinze dias que eu não vou.

Caio – *(narra)* Minha mãe ia chorar umas duas semanas, no máximo. Depois ela ia entender. Ia lembrar de mim com saudade, falar de mim com orgulho, porque eu não ia estar do lado mostrando pra ela que não era bem assim.

Vanessa vai pra sala e senta no sofá junto com Pedro.

Vanessa – E aí?

Pedro – Que?

Vanessa – Que cê fez o dia todo?

Pedro – Merda nenhuma, e você?

Vanessa – Nada também.

Caio – *(narra)* Eu vou e fica só o melhor de mim. Mas se eu fico e viro um merda de adulto ela vai passar a vida inteira se culpando por isso. Talvez eu possa fazer uma coisa certa, uma vez na vida, fazer o que esperam de mim, o que ela queria que eu fizesse. Sumir.

Caio coloca os fones e ouve música. Na sala, Pedro e Vanessa conversam.

Vanessa – Sabe a grávida?

Pedro – Quem?

Vanessa – A menina do primeiro ano que tá grávida.

Pedro – Não.

Vanessa – Uma do primeiro ano, magrela, cabelo escorrido, loira tingida. Não sei o nome. Tem uma cara meio de gambá, assim.

Pedro – *(ri)* Que?

Vanessa – Ah, não sei explicar. Ela mora aqui no prédio, já vi ela aqui. Semana passada descobriram que ela tá grávida. Hoje, no intervalo, eu vi que ela tava sozinha. Agora ela fica sempre sozinha. Eu pensei em falar com ela, mas fiquei com medo de me zoarem. Aí uns caras começaram a cantar uma musiquinha, meio chamando ela de vagabunda... ela xingou todo mundo e depois saiu chorando...

Pedro – Que zoadado.

Vanessa – É.

Pedro – A mina, também, vacilona.

Vanessa – Por que?

Pedro – Primeiro ano, grávida.

Vanessa – E daí?

Pedro – Ah, sei lá.

Vanessa – E o cara?

Pedro – Que cara?

Vanessa – O cara, o pai, o namorado, sei lá. Dele ninguém fala. Ela não fez filho com o dedo.

Pedro – Sei lá.

Vanessa – Ninguém defendeu ela. Ninguém. Nem professor, ninguém. Ninguém falou nada.

Pedro – Nem você.

Vanessa – É. Nem eu... *(pausa)*

Luca já se trocou e vai até o quarto dos fundos. Caio está sentando, ouvindo música nos fones de ouvido. Luca para na porta e olha pra ele. Caio percebe.

Luca – Posso jogar?

Caio – Pode.

Luca senta ao lado dele, Caio passa o celular pra ele. Ele começa a jogar. Eles ficam lado a lado, mas em silêncio.

Vanessa – Essa escola é muito grande, parece que as pessoas mal se conhecem. É meio cada um por si.

Pedro – Sempre é.

Vanessa – E se a gente voltasse pro João?

Pedro – É do outro lado da cidade, porra. Aqui é o fim do mundo.

Vanessa – A gente sai mais cedo, vai de metrô.

Pedro – Olha minha cara de quem quer pegar metrô pra ir pra escola...

Vanessa – Você disse que gostava mais de lá.

Pedro – Eu gosto do lugar. Da quadra, da escada de incêndio onde a gente ia pra matar aula, daquela tiazinha engraçada da cantina... mas as aulas, os professores...

Vanessa – Eu não entendo você. Você sempre tirou nota boa, nunca precisou se matar de estudar. E essa escola é mais fácil. As coisas que a gente vê agora, eu já vi tudo no João. Parece que tudo aqui tá atrasado. Você ia bem na escola difícil, e agora tá querendo bombar na escola fácil.

Pedro – Eu não tenho vontade. De manhã, o telefone toca, eu travo, ele toca, eu travo, nem percebo, parece que não tenho força pra levantar. Vai ver é esse quarto, essa cama. Sei lá. Não quero ir. Só isso.

Vanessa – Mas não ia ser melhor lá?

Pedro – Ia ser a mesma merda, Vanessa. Já parou pra pensar quanto tempo você passa na escola? Tem dia que são seis, sete horas. Fazendo um negócio que você odeia. Tem noção de quanto são sete horas? Se você pegar um avião na hora da entrada na escola, na hora da saída você já vai estar longe. Fora do país. Em outro continente. No tempo em que você passa sentada naquela cadeira ouvindo merda.

Vanessa – Mas o João é melhor... a escola, os professores...

Pedro – Ah, não inventa. Tá querendo voltar lá só por causa dele...

Vanessa – Nada a ver, a gente nem tá mais junto.

Pedro – É depois, ele não tem como pagar pra nós três no João.

Vanessa – E a mãe?

Pedro – A mãe não manda mais em nada, Vanessa. Não é mais ela que decide. Agora quem decide é ele. E ele quer mais é que a gente se foda.

No quarto dos fundos.

Caio – Você tá bem?

Luca – Tô.

Caio – Aconteceu alguma coisa?

Luca – Nada. Que você tá ouvindo?

Caio – Bowie.

Luca – Que?

Caio – David Bowie.

Caio divide o fone com ele. Eles ouvem por um tempo.

Vanessa – Você falou com ela hoje?

Pedro – Mande mensagem, ela não viu.

Vanessa – Que horas era?

Pedro – De manhã.

Vanessa – E ela não viu até agora?

Pedro – Não.

Vanessa – Faz quase dois meses.

Pedro – Tô ligado.

Vanessa – Não era pra ela já ter mudado, alguma coisa, pelo menos?

Pedro – Não sei. Não sou médico.

Vanessa – Ela largou mão de vez.

Pedro – Ela tá se tratando.

Vanessa – Faz tempo. Nunca resolveu.

Pedro – Dessa vez é diferente.

Vanessa – Da outra vez ela ficou boa em menos tempo.

Pedro – Ficou nada. Ela ficou bem mal da outra vez.

Vanessa – Ela tá bem mal agora.

Pedro – Da outra vez tava pior.

Vanessa – Claro que não.

Pedro – Aquele merda tinha terminado com ela.

Vanessa – Ela gostava dele.

Pedro – Idiota que ela foi.

Vanessa – Olha quem fala.

Pedro – O que?

Vanessa – Quantas mensagens você já mandou pra Karina hoje?

Pedro – Não fala merda.

Vanessa – Você acha que eu não vejo.

Pedro – Nada a ver.

Vanessa – Para. Já faz quantos meses?

Pedro – Cala a boca.

Vanessa – Esquece ela. *(Ele não responde. Silêncio)* Tenta ligar pra mãe, vai.

Vanessa liga pra mãe usando o celular no viva voz. Conseguimos ouvir a ligação chamando algumas vezes.

Luca – É legal.

Caio – Você não conhecia?

Luca – Não.

Caio – É esse cara aqui. *(Mostra uma foto)*

Luca – Ele tem um olho de cada cor?

Caio – Ele apanhou na escola, levou um soco no olho. Aí o olho ficou assim.

Luca – Pra sempre?

Caio – Pra sempre.

Luca – O cabelo é legal.

Caio – Ele é todo legal. Ele era diferente. Ele criava esses personagens, que eram ele mas não eram ele. Cada disco tava de um jeito, um estilo, um visual. Ele dizia que era gay, depois casou com uma mulher, aí falou que era bissexual, aí casou com outra mulher e teve filhos e tudo mais... não dava pra definir ele, pôr um rótulo, sabe? Ele não cabia aqui. Nunca coube. Era genial demais pro mundo.

Ninguém atende, Vanessa liga de novo.

Caio – Eu adoro essa música. Éle fala desse cara, esse astronauta que vai pra Lua, e ele se encanta tanto com a Lua, com o espaço, que ele resolve ficar lá. Ele não diz o porquê. Ele tá lá, na lua, e ele pensa: pra que eu vou voltar? Pra quem? E ele decide ficar lá. Pra sempre. Ele fala: digam pra minha mulher que

eu amo ela muito, ela sabe disso. E ele fica lá. Pra sempre. Numa nave. Longe daqui. Bem longe.

Os dois observam por um tempo a capa do disco, encantados. Silêncio.

Vanessa – Será que ela largou o remédio de novo?

Pedro – Sei lá.

Os dois estão obviamente preocupado. Vanessa liga de novo.

Caio – Você não sente que nasceu no lugar errado? Que está aqui por engano? Que tudo que acontece com você prova isso, as pessoas dão pistas pra você entender isso, o jeito que elas te tratam, te olham, porque você não é igual a elas... você não se sente um estranho... vivendo num planeta que não é seu?

Luca – Às vezes.

Vanessa – Falta um mês pra festa, tem um monte de coisa pra resolver, ela não me responde, eu não posso ir lá sozinha, o pai não tá nem aí.

Pedro – É, a pior coisa que pode acontecer agora é cancelar a merda da sua festa, mesmo.

Vanessa – Pra mim é importante.

Pedro – Só pra você.

Vanessa – Pelo menos eu não tô largando mão de tudo que nem você. E ela.

Pedro – Cala a boca.

Vanessa – Você não tá ajudando.

Pedro – Uma bosta de uma festa sim, ajuda muito.

Vanessa – Não, o que ajuda é largar a escola. Arranjar mais um problema pra gente, porque tá pouco.

Pedro – O mundo caindo, a vida uma merda, a mãe largada naquela casa, e eu numa porra numa sala resolvendo equação?

Vanessa – Sim, é o que você tem que fazer.

Pedro – Tô cansado de ouvir o que eu tenho que fazer. O que eu tenho que querer. Tenho que querer uma puta carreira, que dê dinheiro, pensar em carro, casa própria, estilo de vida. Virar médico, advogado, engenheiro, dono de empresa, qualquer coisa assim. Se eu quiser qualquer coisa diferente disso, tô errado, viro um desperdício. Eu tenho que ir pra escola, tenho que estudar pro

vestibular, e tudo pra que? Pra acabar deitado numa porra dum sofá olhando pro teto, igual a ela.

Vanessa – Não é culpa dela.

Pedro – Você mora aqui porque quer? Você vai na escola que quer? Vai ter a porra da festa que você quer? Não, você não tá feliz porra nenhuma, e a culpa é dela, sim. Dela e desse bosta que mandou a gente vir morar aqui e tá cagando e andando se isso é bom pra gente ou não.

Vanessa – Ainda assim ela é nossa mãe. E ele é nosso pai.

Pedro – Pai porra nenhuma, largou a gente faz tempo, veio morar aqui e nem se importou com a gente lá.

Vanessa – A gente também veio pra cá e a mãe ficou lá e isso não quer dizer que eu não me importe.

Pedro – Eu vim porque me obrigaram. Eu moraria lá, se eu pudesse. Mas eles decidiram por mim. Porque eu tenho 17 anos. E não tenho filho, não tenho emprego, não tenho 43 anos na cara. Ela tem, ela tinha que saber cuidar da própria vida. Se ela não sabe lidar com os problemas dela, isso não é problema nosso.

Pedro levanta irritado e sai da sala.

Caio – Você já teve vontade de ir embora?

Luca – Ir embora, viajar?

Caio – Ir embora, mesmo.

Luca – Pra onde?

Caio – Pra Lua. Pra Marte. Pro nada. Lugar nenhum. *(pausa)* A gente não cabe no mundo, então o mundo que se vire sem a gente.

Luca – Será que tem vida lá em Marte?

Caio – Espero que sim.

Luca – Igual aqui?

Caio – Espero que não.

Vanessa – *(na sala, ao celular)* Oi, Pri. Desculpa, tava ocupada aqui. Fala. *(TR)* Como assim, que má notícia?

Caio – *(narra)* De vez em quando eu sonho que sou um astronauta, também. Que estou preso numa nave espacial, dando voltas ao redor da Terra, sozinho, completamente sozinho.

Vanessa - Como assim? *(TR)* Que grupo da sala? *(TR)* Que grupo da sala? *(Ela sai da sala e se tranca no quarto)*

Caio – Eu fico vendo a Terra de longe mas sei que não posso descer.

Vanessa – *(celular)* Você é muito escroto de fazer isso. Seu bosta. *(TR longo. Ela grita ao celular, está muito nervosa)*

Caio – Porque a Terra não é um lugar seguro. Então eu preciso esperar pelo momento certo.

Vanessa – Quem que mandou, então? Eu só mandei pra você. Seu merda. *(TR. Vanessa anda de um lado pro outro do quarto. Tira os sapatos e joga longe.)* Louca é a puta que pariu.

Caio – Eu fico dando voltas e voltas, esperando. Mas a cada dia falta mais um dia. Mais um dia. Mais um dia.

CENA 04

Mais uma manhã. Pedro ainda está dormindo. Todos os outros estão sentados na cozinha. Luca come, Caio e Vanessa não tocam na comida. Vanessa está praticamente imóvel, desolada. Mantém o vestido de debutante, mas está totalmente desalinhada.

Luca – A gente podia só comprar um bolo. *(Vanessa não responde)* Você queria tanto.

Vanessa – *(Após um longo silêncio)* Quando eu tinha sua idade, uma menina chamou todo mundo da sala pro aniversário dela, menos eu. Uma das outras meninas comentou da festa na minha frente. A dona da festa foi obrigada a me chamar também. Não porque ela queria, mas porque ficou com dó. Ou com vergonha. Eu fui na festa. Me senti um lixo. Mas as pessoas gostaram. Só falaram daquela festa por semanas. Uma merda de uma festa.

Luca – *(Após uma pausa)* Tá. Não precisa de festa. Só o bolo.

Caio – *(narra)* Depois que as fotos vazaram e a Vanessa cancelou a festa, ficou mais fácil de entender. Ela queria a festa mais incrível de todos os tempos porque na cabeça dela, se o motivo das pessoas irem à festa fosse ela mesma, e só, ninguém ia querer ir. Tinha que ter algo a mais. A festa tinha que ser incrível pras pessoas falarem da festa, porque se falassem dela, da Vanessa mesmo, ninguém ia falar tão bem assim.

Luca – Aposto que o papai vai trazer bolo quando chegar.

Vanessa – Ele vai trabalhar até tarde de novo.

Luca – Então, à noite, quando ele chegar.

Ela nem responde. Olha o celular. Nenhuma mensagem. Joga na mesa de novo.

Caio – *(narra)* A gente gosta de acreditar que é importante, diferente, especial. Mas na verdade tem muita coisa que a gente faz só pra ser igual a todo mundo.

Luca – Nem brigadeiro?

Vanessa – Esquece isso.

Vanessa pega as coisas e sai pra escola. Luca e Caio continuam na mesa.

Luca – Eu tava pensando... e a mulher?

Caio – Que mulher?

Luca – Da música.

Caio – Que?

Luca – A mulher do astronauta? O astronauta que ficou lá. E a mulher dele? A que ele disse que amava muito?

Caio – Que tem ela?

Luca – Como será que ela ficou, quando ele nunca voltou?

Caio – Não sei. A música não fala.

Luca – Será que se ela soubesse que ele não ia voltar mais, teria deixado ele ir?

Caio – Não sei.

Luca – Ou teria ido junto?

Caio – Ela não podia ir junto, acho.

Luca – Porque ela teria que ser astronauta também.

Caio – É.

Luca – Será que eles tinham filho?

Caio – Não sei.

Luca – (*concluindo*) Ela não deixaria ele ir.

Caio – Mas e se a decisão fosse só dele? Se ele quisesse decidir alguma coisa sozinho, uma vez na vida?

Luca - Como assim?

Caio – Nada...

Luca – Ele só disse: fala pra ela que eu amo ela muito. É pouco. Pra quem nunca mais vai se ver na vida.

Caio – É.

Luca – Ela merecia mais.

Caio – É.

Luca – Pelo menos umas duas, três frases. Pelo menos.

Caio – É.

Luca – Eu acho.

Luca pega as coisas e sai pra escola. Caio fica pensativo por um bom tempo. Pega o caderno e um lápis na mochila.

Caio – *(narra enquanto escreve)* Talvez eu possa escrever isso aqui. A história da minha derrota. Pra que todo mundo saiba. Porque quando as pessoas lerem isso, eu não vou estar mais aqui, então acho que pelo menos vai servir pras pessoas entenderem o porquê. Porquê de eu resolver ir embora. Acho que eu sempre quis ir embora, sempre. Mas desde que eles chegaram, tenho pensado nisso muito mais.

Passagem de tempo. Caio ainda está sentado na mesa da cozinha, escrevendo, quando Vanessa volta da escola e se joga no sofá da sala. Fica um tempo deitada, olhando pra cima, sem dizer nem fazer nada. Caio observa Vanessa de longe.

Caio – *(depois de uma longa pausa, como se estivesse criando coragem)* Feliz Aniversário.

Vanessa – *(sincera)* Obrigada.

Silêncio. Caio ainda olha pra ela.

Caio – Ter quinze anos é um saco, né?

Vanessa – Você acha? Tenta ser menina.

Silêncio.

Vanessa – Bom, podia ser pior. Se eu ainda tivesse na escola velha. *(Caio não responde)* Ele continua lá. De boa. Ninguém fala nada.

Caio – Sério? *(Caio se levanta e vai até a sala, senta-se no sofá ao lado dela.)*

Vanessa – Não sei. Não falei com mais ninguém. E ninguém fala comigo. Mas deve ser. *(pausa.)* Éu vi que ele salvou a foto, mas achei que... *(longa pausa)* Eu não fiz nada de errado. Nada que os outros não façam. Eu não tenho que ter vergonha, tenho?

Caio – Não.

Vanessa – É. Se todo mundo quiser falar merda, problema de todo mundo. É assim, na escola velha, na nova, em todo lugar. Se você não pega ninguém tá errada, se pega todo mundo tá errada. Todo mundo é feminista mas se acha melhor que a amiga gordinha. Todo mundo é muito moderna mas quer dançar com um príncipe na festa.

Caio – É.

Vanessa – Tô sendo chata? Eu não sei se tô parecendo louca. Como se eu tivesse uma cabeça e agora de repente eu tivesse outra. Aqueles filmes que a personagem é de um jeito, aí passa por um problema e muda muito, da noite pro dia, vira uma pessoa completamente diferente. Filme ruim de adolescente.

Caio – *(narra)* Não sei se ela tava mudando muito da noite pro dia. Acho que eu é que tinha mudado meu jeito de olhar pra ela, muito, da noite pro dia. Talvez ia ser melhor se eu contasse mais coisas que aconteceram antes de ela cancelar a festa. Pra não parecer que foi assim, tão do nada. Mas tudo bem, todo mundo gosta de ver as pessoas mudando. A gente só não gosta de mudança quando é com a gente mesmo.

Vanessa – E tem gente que fala que essa é a “melhor fase da vida”!

Caio – *(ri)* Ou vem falar de futuro. É fácil acreditar no futuro quando você tá amando o presente, mas e quando a sua vida tá um saco?

Vanessa – *(ri)* É. Esperar pelo que? *(silêncio)* Ela nem lembrou. Não ligou pra dar parabéns. Nada. Aposto que ela passou o dia inteiro no sofá. Olhando pro vazio.

Caio – Deve ter lembrado, sim.

Vanessa – Quando ela ficou mal, da outra vez...Tinha dias que a gente saía pra escola e ela tava deitada e quando a gente voltava parecia que ela ainda tava na mesma posição, nem tinha se mexido. Ficava lá deitada, como se o corpo estivesse ali mas ela mesma não tivesse. Mas ela devia estar pensando em alguma coisa.

Caio – A gente sempre tá pensando em alguma coisa.

Vanessa – Antes eu achava que ela tava pensando em mim. Em nós. Essa preocupação de mãe, que não dorme quando os filhos tão fora de casa de madrugada, elas dizem que é assim. Mas se ela tivesse pensando em mim, ela teria lembrado. Você não acha?

Caio – Acho que se eu fosse mãe eu lembraria do dia que virei mãe.

Vanessa – Ela já era mãe. O Pedro é mais velho.

Caio – Ah. É.

Vanessa – Eu pensei que ela ia ligar, e contar histórias de quando ela tinha quinze anos, de como foi terrível pra ela, como ela se sentiu vazia e quanto ela achou que ia sofrer pra sempre, mas depois passou. E eu ia saber que não preciso me preocupar porque também vai passar. Mas ela não disse. Porque pra ela não passou.

Caio – Eu li um livro outro dia. Era a história de um cara de uns 16 anos, que botava terno e gravata, pegava uma pasta de trabalho, daquelas de couro, e pegava o metrô. Escolhia o adulto que parecia mais infeliz e seguia, pra ver como era o dia dele. Tipo uma experiência científica. Porque ele sabia que no futuro ele também ia ser o adulto mais infeliz do trem, e ele precisava ver de perto como ia ser isso. Ele fez isso por meses. E no fim, era como se todos os adultos que ele encontrava odiassem seus empregos, reclamassem da vida, quisessem largar tudo, todos infelizes pra caramba.

Vanessa – Não tem nenhum lado bom?

Caio – Espero que eu morra antes de ficar velho. Sério. Sério mesmo.

Vanessa – Minha mãe tá lá, desse jeito, agora... mas e antes disso começar? Será que nem por um tempo ela foi feliz? Nunca? Sei lá... não deve ser assim pra todo mundo. Não tem gente que diz que ficou melhor depois?

Caio – Sei lá.

Vanessa – Vai ver a gente só tá no lugar errado. Na nossa idade a gente não escolhe nada. Onde morar. Onde estudar. O que fazer da vida. Mas depois a gente vai poder ir pra onde quiser. Mudar pra longe desse monte de gente escrota. Em algum lugar do mundo deve ter alguém parecido comigo. Com você. O mundo é muito grande, é maior que isso aqui. Maior que essa escola. As duas escolas. Maior que essa cidade.

Caio – O problema é se a gente escolher tudo errado. Seguir pelo pior caminho. É isso que dá medo.

Eles ficam em silêncio um tempo. Luca entra. Ele tem um olho roxo. Ele vai até a sala. Vanessa levanta preocupada.

Vanessa – Caramba, Luca, que foi isso?

Luca – Nada.

Vanessa – Quem fez isso?

Luca – Não foi nada.

Vanessa – Vem aqui...

Eles vão até ao quarto. Caio fica sem graça de ir junto. Enquanto eles falam no quarto, Caio vai até cozinha, recolhe suas coisas, seu caderno.

Vanessa – Foi na aula ou na saída?

Luca – Na saída.

Vanessa – Alguém da escola viu?

Luca – Como assim?

Vanessa – Dos professores.

Luca – Acho que não.

Vanessa – Por que você não ligou?

Luca – Eu vim correndo.

Vanessa – Que merda de escola, que merda...

Luca – Não conta pra ninguém, por favor.

Vanessa – O pai tem que saber.

Luca – Não conta pra ele. Nem pro Pedro.

Vanessa – Por que?

Luca – Eles vão brigar comigo.

Vanessa – Alguém tem que ir na escola...

Luca – A gente pede pra mãe depois.

Vanessa – *(Pensa.)* Tá bom. Tudo bem.

Luca – Eu não fiz nada...

Vanessa – Eu sei. Tá tudo bem.

Luca – Eles que vieram pra cima de mim.

Vanessa – Eu sei. Não é culpa sua.

Luca – O pai não pode saber...

Vanessa – O pai vai ver...

Luca – Ele não pode...

Vanessa – Tá. A gente esconde. Pode ser? *(ela pega o estojo de maquiagem)*
Com base. Tá bom?

Luca – Tá.

Vanessa – Você já colocou gelo?

Luca – Não...

Vanessa – Tá. Eu vou buscar.

Vanessa vai até a cozinha pra pegar gelo. Caio já saiu de lá. Ele para na porta de seu antigo quarto, onde está Luca. Olha pra ele, mas não diz nada. Se encaram por um tempo.

Luca – O que é esquizofrenia?

Caio – Que?

Luca – Esquizofrenia.

Caio – É tipo loucura. Acho. Mais ou menos isso.

Luca – Eu tava lendo sobre o David Bowie. E dizia que tinha muita gente com isso na família dele.

Caio – Tinha. O irmão dele tinha esquizofrenia, e se matou. Muita gente foi pro hospital, ou foram lobotomizados. E ele achava que podia chegar nele. Porque dizem que é uma doença que passa de pai pra filho. Ele achava que podia ficar louco também, perder o controle, só não sabia quando.

Luca – Entendi.

Caio – Acho que por isso que ele fazia as coisas do jeito dele. Ele não podia perder tempo. Ele foi inventando esses personagens dele. Era como se ele fosse vários, como se ele tivesse várias vidas, ele era vários dele mesmo. Porque se um deles sumisse, morresse, ficasse louco, ele tinha os outros. Ele podia ser quem ele queria ser. Sendo outro.

Luca – Quem disse que ele tinha que ser uma coisa ou outra?

Caio – O mundo. Mas ele não era do mundo.

Luca – Ele podia ser de tudo um pouco, e tudo misturado.

Caio – Ele foi.

Caio – Podia ter dado tudo errado pra ele, mas no fim deu certo. Ele podia ter sofrido com isso, mas ele, sei lá, ele achou um outro caminho. Um caminho que era dele. Ele virou o David Bowie. Ele foi quem ele queria ser.

Luca sorri. Depois pega o estojo de maquiagem e vai pro banheiro. Sozinho ali dentro, ele pega a maquiagem de Vanessa e, de frente pro espelho, começa a se maquiar. Ao longo das próximas cenas, ele vai se montando pouco a pouco,

até que esteja completamente caracterizado como David Bowie, na fase Ziggy Stardust. Terno azul, cabelos vermelhos, maquiagem.

Caio fica sozinho em seu antigo quarto pela primeira vez. Encara o quarto com nostalgia.

Caio – *(narra enquanto escreve)* Ia ser mais fácil se a gente soubesse tudo que vai acontecer depois. Se a gente soubesse que os problemas de hoje não vão existir amanhã, ou daqui a um ano, ou três, ou dez, ou quinze. Se desse pra passar do antes direto pro depois, ia ser melhor. Mas o durante é que é o problema. É ficar entre uma coisa e outra, sem saber o que vai ser.

Pedro volta. Entra pela cozinha, atordoado, confuso, acelerado. Encontra com Vanessa.

Vanessa – Onde você tava?

Pedro – Não te interessa.

Ela não responde, vai saindo.

Pedro – Eu fui ver a mãe.

Vanessa – *(volta)* É? E como ela tá?

Pedro – Não sei. Não entrei.

Vanessa – Mas você não foi lá?

Pedro – Fui.

Vanessa – E não entrou em casa?

Pedro faz que não com a cabeça.

Caio – *(ainda narra, enquanto observa o teto do quarto)* Eu sempre gostei de estrelas, constelações, planetas.

Pedro – Eu não te contei, mas eu tô indo lá todo dia. Depois que vocês saem pra escola, eu vou e passo a manhã toda lá. Converso com ela. Tento conversar, mas ela quase não fala nada.

Caio – Quando eu era criança tinha um móbile do sistema solar no teto do quarto. Mas eu joguei fora uns anos atrás, quando descobri que ele tava errado.

Pedro – A casa tá uma bagunça, uma sujeira. Essa semana, eu abri a janela do quarto dela, tinha até teia de aranha. Ela não abria aquilo faz semanas. Disse que não consegue pensar com tanta luz, por causa daquela dor de cabeça que ela tem. Ela fica lá no escuro, trancada, pensando.

Caio – Porque no móbile ainda tinha Plutão, e Plutão não é mais considerado um planeta.

Pedro – Um monte de coisas espalhadas. Um monte de papel rasgado, umas fotografias. Pilhas de coisas, tudo fora do lugar. Tudo que ela sempre mandou a gente não fazer, e a gente sempre fez. Agora ela faz também. Ela parou de se importar.

Vanessa – Não tava tão ruim assim quando eu fui da última vez...

Pedro – Piorou muito nos últimos quinze dias... muito...

Caio – Ele já foi considerado um planeta, mas depois descobriram outros corpos celestes que eram maiores que ele, e decidiram que ele não tinha tamanho pra isso. Plutão era grande demais pra ser uma estrela, mas era pequeno demais pra ser um planeta.

Pedro – E eu hoje saí daqui pensando: eu vou voltar a morar lá. Vou morar com ela, vou ajudar, vou fazer o que tenho que fazer.

Caio – Plutão não era nem uma coisa, nem outra. Não era nada. Era coisa nenhuma.

Pedro – Vou pra lá, limpar tudo, fazer ela levantar, falar alguma coisa que faça ela mudar, se animar, ficar boa. Eu saí de casa, peguei o metrô, o ônibus, passei na frente do João, entrei no prédio, dei bom dia pro Celso, peguei o elevador, tudo igual, como a gente sempre fez. Mas na hora de abrir a porta, eu desisti. *(pausa)* Porque tava tudo igual mas não tava. O caminho, as pessoas, o prédio. Não era mais a minha casa. Não era mais a minha mãe. Toda vez que eu vou lá eu penso: o que a minha mãe faria, se fosse o contrário, como ela ia resolver isso? Mas eu não sei o que fazer. Tudo inverteu, quem precisa é ela, e eu não sei o que fazer, porque ninguém me ensinou. Eu podia ter entrado, mas eu ia

entrar e ia fazer o que? Eu não sei fazer por ela o que ela faria pela gente. E ela agora também não sabe, então fudeu. Fudeu. Não era pra gente passar por isso. Ela não soube resolver as coisas, e aí deixou o problema dela pra gente resolver. E eu não sei, não quero e não vou resolver porra nenhuma.

Pedro está muito alterado, gritando, quase fora de controle. Toda sua frustração por não saber lidar com o que acontece se traduz em agressividade, não em tristeza. Caio e Luca escutam dos outros cômodos o que acontece na cozinha. Os dois saem de seus cômodos, se encontram próximo à porta pra ouvir.

Pedro – A gente não pode ter uma família igual a das outras pessoas? Problemas como os das outras pessoas? Minha mãe não me entende, meu pai não quer que eu faça isso ou aquilo, eu não tô indo bem na escola? Não, pra gente tem que ser isso, tem que ser assim.

Vanessa – Ela não escolheu ser assim...

Pedro – Ela podia escolher reagir. Como uma pessoa normal. Mas preferiu ficar nesse estado, fuder com a nossa vida e esquecer que a gente existe.

Vanessa – Ela tá doente.

Toca o telefone de Vanessa, que está no quarto. Luca vai até lá, atende o telefone e conversa com alguém, mas não conseguimos ouvir o que ele está dizendo.

Vanessa – Todo mundo tem problema.

Pedro – Uns sabem lidar com eles e outros não sabem. Eu quero minha vida de antes. Não quero mais ficar longe das minhas coisas. Não ter meu quarto, meus amigos. Não quero mais morar nessa porra de apartamento minúsculo. Nesse bairro de merda. Convivendo com gente babaca.

Caio entra na cozinha. Pela primeira vez, enfrenta Pedro.

Caio – Vai embora, então.

Pedro – Que?

Caio – Vai embora, então, se a casa é tão ruim pra você.

Pedro – Ninguém tá falando com você.

Luca – *(grita do quarto)* O pai quer falar com um de vocês.

Ninguém ouve. A discussão continua.

Caio – Você acha que alguém me perguntou se eu queria ficar sem as minhas coisas, sem o meu espaço, pra você entrar?

Pedro – Você não faz ideia do que a gente tá passando.

Caio – Você é que não faz ideia do que ela tá passando.

Luca – *(mais alto)* O pai quer falar com um de vocês.

Ainda não ouvem. Luca vai andando em direção a cozinha.

Caio – Porque você acha que é melhor que todo mundo? Melhor que eu, melhor que ela?

Pedro – Você nem me conhece.

Luca – *(grita, já na cozinha)* O pai quer falar com um de vocês.

Pedro – Que?

Luca passa o telefone pra ele. Pedro atende.

Pedro – Alô? *(Ele ouve. Sua expressão muda aos poucos. Da raiva pra um estado de choque)* Qual hospital?

Os outros observam, atônitos.

CENA 05

Os quatro estão sentados na sala em silêncio. Vanessa checa o celular o tempo todo, mas não responde nem lê mensagens. Não falam por um longo tempo.

Luca – Se acontecer mesmo, acho que a gente vai ter que ir.

Pedro – Não vai acontecer.

Silêncio.

Luca – Porque a gente já tem idade.

Silêncio.

Vanessa – Idade pra isso. Mas não pras coisas boas.

Pedro – Não vai acontecer.

Luca – Eu sei, mas e se acontecer?

Pedro – Não vai acontecer.

Luca – Um dia, quando acontecer.

Pedro – Para com isso, Luca.

Luca – Quando a gente for adulto. Velho. E acontecer. Aí você vai querer ir?

Pedro não responde.

Vanessa – *(depois de um tempo)* Acho que sim. Você não?

Luca – Não sei.

Vanessa – Você não ia querer se despedir?

Luca – Acho que ia preferir lembrar dela como era antes. *(pausa)* Dá desespero pensar nela lá. Lá dentro. Trancada.

Vanessa – Eu sei.

Silêncio.

Luca – Tem que ir de preto?

Pedro – Luca...

Luca – Nos filmes eles tão sempre de preto. E óculos escuro.

Caio – Isso é filme americano.

Luca – Eles fazem festa depois, é estranho.

Vanessa – Não fazem festa.

Luca – Se tem comida, é festa.

Caio – Não tem nada disso.

Luca – Você já foi?

Caio – Não. *(pausa)* Quando eu era pequeno meu avô morreu, mas não me deixaram ir.

Luca – Minha avó também. A gente ficou em casa com uma vizinha.

Silêncio.

Luca – E uma vez também morreu o bebê de uma tia. É uma tia que a gente não fala. Nem minha mãe foi. Mas eu fiquei imaginando o bebê no caixão. O caixão pra bebê. Não combina.

Silêncio.

Vanessa – O que o pai disse?

Pedro – Que ia ligar. Que era pra gente ficar aqui.

Vanessa – Dos médicos?

Pedro – Ele não sabia. Ele ia pra lá pra saber.

Vanessa – E quando ele ligou a segunda vez?

Pedro – Ele não sabia direito.

Vanessa – Mas o que ele falou?

Pedro – Que eles não sabiam.

Vanessa – Que mais?

Pedro – Não sei.

Vanessa – Pedro, não dá pra gente ficar aqui fingindo que nada tá acontecendo.

Pedro – Ninguém tá fingindo.

Vanessa – Então fala tudo que ele falou.

Pedro – Não sei. Que ele ia pra lá. Que era no hospital que a Elisa trabalhava, ela ia tentar arranjar mais informação. Que era pra gente ficar aqui. Que as primeiras horas eram importantes. Que ele ia ligar.

Vanessa – E o número?

Pedro – Que número?

Vanessa – Eu ouvi você falando um número.

Pedro – Setenta por cento.

Vanessa – De que?

Pedro – De chance.

Vanessa – De chance de que?

Pedro – Não sei, porra, não sei.

Silêncio.

Pedro – Sério, eles não tem como saber.

Silêncio.

Vanessa – Não é melhor a gente estar preparado?

Pedro – Preparado pra que?

Vanessa – Pra ela morrer, Pedro. Uma hora vai acontecer. Se não for agora, como a gente sabe que ela não vai tentar de novo? Como a gente sabe que ela não vai tentar até conseguir?

Pedro – A gente não sabe o que vai acontecer.

Vanessa – A gente vai viver com isso na cabeça, de qualquer jeito. Vai ficar o tempo todo achando que pode acontecer.

Pedro – E o que você quer que eu faça?

Vanessa – Não sei. *(pausa)* É só que. *(pausa)* Será que de algum jeito. *(pausa)* Não seria um alívio?

Silêncio.

Pedro – Um alívio pra ela. Pra nós, não.

Silêncio.

Vanessa – Só tô dizendo que a gente tem que estar preparado. Só isso.

Caio – *(narra)* Eu tentava pensar se dava pra estar preparado. E pensava também em como ela tinha decidido. O momento exato. Que ela soube que a melhor coisa a fazer era enfiar aqueles comprimidos na boca. Pra doer menos. Pra buscar uma dor nova, ao invés de ficar repetindo a mesma dor de sempre.

Luca – A gente não pode ir lá?

Vanessa – Não.

Luca – Porque não?

Pedro – O pai mandou a gente esperar aqui. A Elisa ia encontrar ele lá. *(pausa)* Onde ela tá nem dá pra entrar, pra falar com ela.

Vanessa – Ele disse que ele ia ligar.

Luca – Tá.

Caio – *(narra)* E pela primeira vez eu vi como era, como podia ser. Pra quem fica. Eu achava que sabia, mas eu nunca tinha imaginado de verdade. Será que o astronauta tinha filhos?

Luca – A gente devia ter ficado lá. Com ela.

Ninguém responde.

Caio – Acho que as coisas acontecem na nossa vida porque tem que acontecer. Poderiam não ter acontecido, mas calhou de acontecerem. A gente não controla isso, acho. Não somos heróis, não podemos ganhar todas. Nem vilões. Somos só pessoas normais, mesmo. Sem vidas extras. Sem poder voltar pruma fase mais fácil.

Luca – Quando seu avô morreu, o que falaram pra você?

Caio – Que ele tinha viajado.

Luca – Só?

Caio – Só. Ele tinha ido viajar e não ia mais voltar.

Vanessa – Nenhuma história sobre Papai do Céu nem nada parecido?

Caio – Não. Eu chorei, porque queria que ele tivesse me levado junto. Fiquei com raiva dele um tempo. Mas depois passou.

Caio – *(narra)* Eu achei que ia ser difícil começar, mas terminar a história é ainda mais difícil. Você está vendo isso acontecer pela primeira vez, mas eu já reescrevi três vezes. Porque é muito difícil lidar com o fim das coisas. E porque tem coisas na vida que a gente não quer que acabem nunca.

Vanessa – Quando a gente é criança, esquece das coisas rápido.

Caio – Eu só fui entender bem depois.

Vanessa – Quando ficou mais velho.

Caio – É. Aí não tive mais raiva.

Vanessa – Dá vontade de ser assim de novo.

Silêncio.

Luca – Mas agora a gente já tem idade.

Silêncio. Luca começa a chorar.

Pedro – *(pra Luca, carinhoso)* Olha só. Se acontecer, você só vai se quiser, tá bom?

Luca – Tá.

Vanessa o puxa pra perto dela no sofá, o abraça.

Pedro – Mas não vai acontecer.

Luca – Mas se acontecer, você vai?

Pedro – *(pausa)* Vou. Se acontecer eu vou. Você não precisa ir, se não quiser. Não tem problema. Eu vou por você.

Silêncio.

Pedro – Mas não vai acontecer.

Caio – *(tira a roupa de astronauta enquanto narra)* Eu descobri que a minha história é a história de alguém que conta histórias, é disso que eu gosto. E

quando você tem algo que gosta, as coisas ficam mais fáceis. É isso que te define. Por que ou por quem você se apaixona. O que te define é pra onde vai o seu pensamento naquela hora em que você se distrai. Quando você não tá nem pensando em pensar, você se pega pensando em que?

Luca – Que horas o pai vai ligar?

Pedro – Ele não disse. Você pode ir dormir se quiser.

Luca – Eu vou ficar aqui.

Vanessa – Tá bom.

Pedro – Não vai acontecer, tá bom?

Luca –Tá.

Silêncio.

Caio – Tem gente que diz que não interessa o meio da história, se o começo e o final forem bons todo mundo vai gostar. Outros dizem que não interessa o começo e o fim, a gente quer é saber como as coisas acontecem entre um e outro. Eu não sei como um bom escritor terminaria essa história, mas é a minha primeira história. Se não for bom dessa vez, eu faço uma melhor depois. Porque eu vou continuar escrevendo.

O telefone em cima da mesa toca.

Vanessa – Alô?

Blackout.